

OBSERVATÓRIO GERAL

Impressões, curiosidades e anotações ...

CLÁUDIA PEREIRA

cpereira@brasiliaemdia.com.br



CASAS LOTADAS, BILHETES ESGOTADOS, FILAS DE ESPECTADORES LOUCOS POR UMA DESISTÊNCIA. ASSIM FOI O CENA CONTEMPORÂNEA 2011.



AO TODO, FORAM 33 ESPETÁCULOS, ORGANIZADOS EM 75 APRESENTAÇÕES, ASSISTIDAS POR 18 MIL ESPECTADORES.



ESTE ANO, O CENA RECEBEU REPRESENTANTES DA ESPANHA, ARGENTINA, ITÁLIA, MÉXICO, AUSTRÁLIA, POLÔNIA E COREIA, ALÉM DE BRASILEIROS DE ALTO NÍVEL.



PARA O PRÓXIMO EVENTO, GUILHERME REIS, IDEALIZADOR E DIRETOR DO PROJETO, QUER TRAZER GRUPOS DA ÁFRICA FRANCESA, ALÉM DE COMPANHIAS DA AMÉRICA LATINA.



CENA CONTEMPORÂNEA Casas lotadas, bilhetes esgotados, filas de espectadores loucos por uma desistência. Assim foi o Cena Contemporânea 2011. Em sua XII edição, o Cena – como é carinhosamente chamado – já pode ser considerado um dos mais importantes festivais de teatro do país. Para Guilherme Reis, organizador do evento, essa edição foi a de maior visibilidade. Ele acredita que isso se deve ao que ele chamou de “*rebuliço das redes sociais*”. Ao todo, foram 33 espetáculos, organizados em 75 apresentações, assistidas por 18 mil espectadores.

MARATONA DE ESPETÁCULOS Este ano, o Cena recebeu representantes da Espanha, Argentina, Itália, México, Austrália, Polônia e Coreia, além de brasileiros de alto nível. A maratona de espetáculos começou na Praça Central do Museu Nacional, com a peça *Clowns de Shakespeare*, seguida do show de Rita Ribeiro. Os temas e formatos escolhidos pelos grupos convidados levantaram relevantes questões da atualidade, como a manipulação da mídia, a violência, o abismo das fronteiras, do amor, a memória e a solidão.

O HOMENAGEADO O homenageado do ano foi o professor, dramaturgo e administrador cultural B. de Paiva, cearense que escolheu Brasília para viver e trabalhar. Com uma sólida carreira construída entre Fortaleza, Rio de Janeiro e Brasília, B. idealizou cursos de arte dramática, dirigiu escolas de teatro, coordenou instituições públicas de cultura. Em Brasília, lecionou na UnB e teve um papel fundamental na consolidação da Fundação Brasileira de Teatro e na Faculdade de Artes Dulcina de Moraes.

CLOWNS DE SHAKESPEARE Entre os espetáculos, alguns conquistaram a preferência do público. “*Sua Incelença Ricardo III*”, da companhia *Clowns de Shakespeare* (RN), é um deles. A encenação é uma mistura da linguagem do teatro popular e da música tradicional nordestina, com atenção especial às “*incelenças*”, gênero musical das cerimônias fúnebres do Nordeste. Cumprindo a cartilha da diversidade que embala o mundo contemporâneo, o grupo mescla o repertório regional com o rock clássico inglês das bandas Queen e Supertramp. A interpretação gira em torno do universo lúdico do circo, com palhaços mambembes e carroças ciganas e cria um diálogo entre o sertão e a Inglaterra elisabetana.

TEATRO DE SOMBRA DO MÉXICO “*Amarillo*”, da companhia Teatro de Sombra do México, impactou o público com o drama dos que enfrentam o deserto para tentar atravessar a fronteira com os EUA. Com uma linguagem que mistura dramaturgia e dança, associada a recursos multimídia, a trama vai revelando os sonhos, a coragem, os medos, as perdas e as mortes que envolvem o desejo incontido de ar-

riscar a própria vida para tentar viver a fantasia do “*american way of life*”. O belíssimo texto de Gabriel Contreras recria a experiência de atravessar o deserto e com ela experimentar os delírios da fome e da desidratação. Tudo isso permeado por lembranças afetivas e leituras de cartas de amor e dor.

CIA. HIATO “*O Jardim*”, do diretor e dramaturgo Thiago Amaral, é um belíssimo texto sobre a memória e coloca em cena três gerações, de uma mesma família, amarradas às lembranças de um tempo vivido/idealizado. O espetáculo, da Cia. Hiato (SP), recorta a história em três momentos e a encenação é construída em eixos que unem os personagens de uma história familiar. O surpreendente cenário, feito de caixas de papelão, divide as épocas e isola as ações. O público, estrategicamente separado em três blocos de arquibancadas, assiste, em capítulos, às tramas de cada uma das gerações que entra e sai, entre as caixas, revelando elos e emendando histórias de um “*jardim*” sonhado e repleto de memórias estilhaçadas.

COMPANHIA DE FOGUETES MARAVILHA Cena Contemporânea trouxe também o talento, a agilidade e a capacidade de improvisação do ator, diretor e dramaturgo Felipe Rocha. Todos esses ingredientes estão no espetáculo “*Ele Precisa Começar*”, que Felipe codirige com Alex Cassal, da Companhia de Foguetes Maravilha (RJ). A peça fala de um homem que quer escrever uma peça teatral. Como não tem nada planejado, decide contar sua própria dificuldade de escrever. A situação é encenada com a participação do público, com o qual ele dialoga e contracenando em busca da construção da história que quer contar. Felipe Rocha vai compondo o enredo a partir da observação do próprio público. Ele comenta as expressões, estilos, cores, modelos, tipo de cabelo, gestos e sorrisos que compõem a plateia. Tudo é parte da história. A crítica de teatro Bárbara Heliodoro escreveu que Felipe Rocha representa “*(...) um momento privilegiado do teatro e é razão para comemorações quando se fala da nova dramaturgia brasileira*”.

GUILHERME REIS O Cena Contemporânea reflete o conturbado panorama mundial ao reunir artistas de diversas nacionalidades, alguns deles vivenciando um cotidiano de violência, guerras e conflitos decorrentes da situação geopolítica global. Reflexões sobre o exílio, a solidão e a violência dividem as cenas com o amor, a memória e a solidariedade. O festival ocupa diversos teatros de Brasília e também está presente nas praças, ruas e espaços públicos da cidade. Para o próximo evento, Guilherme Reis, idealizador e diretor do projeto, quer trazer grupos da África Francesa, além de companhias da América Latina que fazem uma mistura de salsa, cumbia e hip-hop. Brasília agradece, porque o Cena Contemporânea já está cravado no coração dos brasilienses.